

# Misericórdia de Braga

Revista  
da Santa Casa da Misericórdia  
de Braga



Misericórdia  
de Braga

500 ANOS

n.º 13

Dezembro 2017

Título : Misericórdia de Braga  
Revista da Santa Casa da Misericórdia de Braga

Director : ARMANDO MALHEIRO DA SILVA

Conselho de Redacção : BERNARDO REIS · DOMINGOS DA SILVA ARAÚJO · ENGRÁCIA LEANDRO  
FERNANDO COLMENERO FERREIRA · JOSÉ ALBERTO DE SOUSA RIBEIRO  
MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO

Edição : Santa Casa da Misericórdia de Braga

Propriedade : Santa Casa da Misericórdia de Braga  
Palácio do Raio  
Rua do Raio, n.º 400  
Tel. 253 205 100 - Fax 253 205 101  
geral@scmbraga.pt  
4700-920 Braga

ISSN : 1646-3188

Depósito Legal : 233621/05

Data de saída : Dezembro de 2017

Tiragem : 500 exemplares

Capa : Paleta de Ideias design

Na capa : Património Cultural da Santa Casa da Misericórdia  
de Braga. *Oratório*. Século XIX  
(Foto: L. A. Ferreira)

Fotografia da contra-capas : Hugo Delgado – WAPA Photo

Execução gráfica : Graficamares, Lda.  
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10  
4720-608 Prozelos - Amares

*Todos os direitos reservados.*

O conteúdo dos artigos e a norma ortográfica usada são da responsabilidade dos autores.

## Sociedade geradora de vulnerabilidades

EDUARDO DUQUE\*

O aumento da *expectativa de vida* pode ser compreendido e analisado sob diferentes prismas, mas ninguém duvida de que se trata de um processo multifatorial, resultado de diferentes confluências, quer diretas, como é o caso da diminuição da mortalidade e o aumento da esperança média de vida – em 1960, a esperança média de vida, à nascença, era de 61 anos para os homens e 67 para as mulheres; em 2005, para os homens era de 75 e de 81 para as mulheres e, 10 mais tarde, a esperança média continua a aumentar tanto para os homens como para as mulheres (78 e 83, respetivamente) –, como indiretas, como a melhoria das condições de vida, dos hábitos generalizados de higiene e da eficácia das medidas preventivas.

Percebe-se assim que os fatores interatuantes no processo de envelhecimento são múltiplos e de diferente ordem: vão desde os genéticos e psicológicos, aos ambientais, culturais e sociais e, todos eles, agindo em conjunto ou individualmente, têm a capacidade de modificar o curso da vida humana.

De acordo com os censos de 2011, os portugueses com 65 ou mais anos de idade ocupam cerca de 19% do total da população, valor que contrasta com os 8% aferidos em 1960, e com os 16% em 2001, ou seja, a nossa sociedade está a experimentar uma alteração demográfica sem precedentes, realidade que implica grandes mudanças sociais, económicas e assistenciais. E se esta realidade, por si só, nos deve fazer refletir, a comparação com a Europa – que

---

\* Docente da Universidade Católica Portuguesa. Membro da Comissão de Proteção ao Idoso.  
E-mail: [eduardoduque@braga.ucp.pt](mailto:eduardoduque@braga.ucp.pt)



*Da esquerda para a direita:* Prof. Doutor Eduardo Duque, Presidente da Assembleia Geral da Comissão de Proteção ao Idoso e Docente da Universidade Católica Portuguesa; Doutora Maria Custódia Rocha, Docente da Universidade do Minho (Moderadora); Dr.<sup>a</sup> Conceição Sampaio, Membro da Direção da Comissão de Proteção ao Idoso.

nos coloca, em 2014, no quinto país mais envelhecido – dever-nos-ia levar a adotar novas políticas de inversão da curva demográfica.

O envelhecimento da população implica uma série de desafios. Desde logo, o desafio para a própria família de saber amparar e proteger os seus idosos, o desafio do atendimento próximo e personalizado dos lares, o desafio da concessão das reformas de acordo com os descontos realizados, o desafio da promoção efetiva de bons hábitos alimentares, o desafio de propor novos serviços especializados para o acompanhamento a pessoas idosas, etc.

Ora, a questão que se coloca é saber se a sociedade portuguesa está preparada para responder positivamente às exigências que o aumento da longevidade compromete, já que, como percurso normal de vida, dos idosos não se espera a produtividade que a sociedade moderna ambiciona, a destreza

e a velocidade que a tecnologia anuncia, a autonomia que o ritmo social valoriza ou a beleza exterior que a moda diviniza.

Mas, voltemos ao título, será a sociedade moderna tão vulnerável assim que descora e desprotege os idosos? Deitemos um olhar em frente e vejamos o que se passa com as nossas sociedades a partir de três ideias:

## **1. Vivemos numa sociedade centrada no indivíduo e no consumo**

Contrariamente às gerações mais velhas, que viviam centradas no trabalho de sobrevivência, mas que lutavam para que os seus filhos tivessem uma oportunidade de estudar para melhorar o trabalho e a vida, as gerações mais jovens substituem o espírito de sacrifício e de poupança por outro mais orientado para o consumo. Na sociedade contemporânea, os jovens não conseguem vislumbrar o seu futuro, pelo que a esfera educativa e do trabalho assumem um valor instrumental. Os laços primários – ligados à família, à aldeia, ao ofício – desapareceram e os laços sociais – ligados à solidariedade de classe e de pertença religiosa e social – também têm vindo a desvanecer.

Ora, com laços primários e sociais frágeis, com uma sociedade centrada no presente onde não se consegue vislumbrar o futuro, que lugar há para o idoso? O indivíduo moderno, embora guarde uma atitude de respeito para com o idoso, vê-o como fora das suas redes de consumo, descartável, esquecendo-se de que ambos partilham o mesmo espaço e tempo, relegando o idoso para um lugar de desamparo afetivo.

## **2. A sociedade moderna apresenta uma estrutura familiar desfragmentada**

Além da existência de novos modelos familiares, passou-se de uma família extensa, composta por avós, tios, primos, etc., para uma família nuclear, formada quase exclusivamente por pai e mãe e, na maioria dos casos, por um filho, quando muito, dois filhos. A incorporação da mulher no mercado do trabalho influenciou nesta mudança familiar o que levou a que, em muitas circunstâncias, os filhos fiquem entregues ao cuidado dos avós. Sabemos bem que, em alguns casos, são os avós quem veste, alimenta e educa os netos e

isto ocupa grande parte do seu tempo, fazendo com que os avós, em muitas ocasiões, estejam dedicados quase exclusivamente à sua família. Quando os netos crescem e saem de casa, os avós perdem a função de cuidadores e, num tempo que precisariam de apoio, de carinho e de afeto, ficam desprotegidos. Dá-se a segunda “perda”, perderam os filhos e agora os netos.

### **3. Uma sociedade que não vive sem tecnologia**

Por si só este indicador já é paradoxal com o tempo dos avós, uma vez que, no tempo em que cresceram, não havia televisão e muito menos internet; na escola não havia computadores, telemóveis ou quadros interativos; na cozinha, não havia micro-ondas ou placas vitrocerâmicas... Na verdade, são muitas as barreiras que os idosos encontram nesta área das tecnologias, já que eles não contaram com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) ao largo da sua vida. Por essa razão, não são verdadeiramente sensíveis ao mundo da técnica e também já não estão, por mais que se esforcem, na plenitude das suas capacidades para assimilarem um conjunto de dados novos.

Na realidade do contexto social de muitos países europeus, e concretamente no nosso, os idosos apresentam poucas perspectivas em relação ao futuro. Embora todo o progresso tecnológico tenha conquistado avanços, surge claramente um problema referente ao idoso, à dificuldade em lidar com esses avanços, pois o mercado exige modernos equipamentos e profissionais mais capacitados para se manter produtivo.

Este cenário realça um dado importante na nossa análise: se as pessoas que manuseiam bem as tecnologias se apresentam e impõem como sendo a base e a solução produtiva da sociedade, e se os idosos não são propriamente detentores de grandes conhecimentos tecnológicos, logo, a sociedade do saber tecnológico veio aumentar a distância entre os incluídos digitalmente e os “info-excluídos”, que são, naturalmente, na maioria, os idosos.

Encerra-se assim o seu ciclo produtivo e fica a esperança de se aposentar e de ter respostas sociais ao nível da necessidade inerente a esta fase da vida.

Com estes três indicadores pretendeu-se evidenciar que a sociedade moderna gera claras vulnerabilidades nos idosos. Por mencionar ficam muitas outras vulnerabilidades, não menos importantes, mas que não foram

aqui desenvolvidas: as vulnerabilidades sobre as quais assentam a estrutura do trabalho: em que o trabalhador, sob a pena de perder o seu posto ou não progredir na carreira, não pode dedicar muito do seu tempo à família; vulnerabilidades decorrentes da sua própria condição física: quem é que presta a assistência de que os idosos precisam?; vulnerabilidades que se relacionam com as proteções sociais: será que o nosso sistema de saúde e de segurança social consegue responder ao grande número de idosos que prevalece nas sociedades modernas?; vulnerabilidades de um certo desamparo afetivo, já que não se valoriza nem reconhece as histórias de vida, a sabedoria acumulada: como podemos utilizar da melhor forma a sabedoria, a experiência e o talento dos idosos?

Cada sociedade cria o seu imaginário social e é através dele que se valoriza ou deprecia determinada realidade. Na sociedade contemporânea, aonde o primado do capital é a medida do valor da pessoa, os idosos – como não produzem e naturalmente vão perdendo autonomia, agilidade e destreza – perdem valor e, conseqüentemente, perdem poder, transformando-se, linearmente, num peso, numa perda e num desgaste que tem um preço. O modelo social que organiza e estrutura a nossa sociedade fez com que a velhice passasse a ocupar um lugar à margem, perdendo o seu valor social. Deste modo, não havendo a possibilidade de produção de riqueza, a velhice perde o seu valor simbólico. Constata-se, então, uma inversão de valores, visto que a capacidade de produção de bens materiais passa a ser mais apreciada na sociedade moderna que o valor humano.

Esta sociedade deixa-nos algo perplexos, já que o que se passa com a valorização ou desvalorização do capital, pode replicar-se na pessoa, ou seja, o idoso, que era considerado até há bem poucos anos, autoridade devido à sua sabedoria e experiência de vida, transformou-se, em muitos casos, num óbice familiar, vendo o seu estatuto cultural e social esvaír-se, com isso, as suas memórias e a sua experiência de vida, que em tempos eram muito valorizadas, agora parecem ser irrelevantes. As suas histórias não giram à volta do desenvolvimento da tecnologia, dos telemóveis ou *iPads* e, por isso, não interessam aos mais jovens, recaindo, assim, sobre os idosos o peso da inutilidade e decadência.

Com a diminuição e deterioração da qualidade dos vínculos interpessoais na família, denota-se a questão do abandono afetivo, resultado também da fragilização das relações entre os membros da família, cada vez mais, descomprometida e individualizada.

Esta construção social, assente em pilares tão globalizados como frágeis, além de multiplicar representações sociais com défices de solidariedade, abre ruturas nos laços sociais, gerando a perda de referentes de sentido e de coesão social.

Finalmente, em jeito de desafio, deixo uma proposta: que cada comunidade se organize, convenientemente, de acordo com o seu local de residência, em “pequenos lugares”, de forma a que neles se providenciem “lares horizontais”, ou seja, lares abertos, em que as pessoas, em vez de sair de sua casa, pagam, para ter ao seu cuidado, diariamente, uma equipa de pessoas que as visita, entre as quais, o médico, enfermeiro, auxiliar e especialistas de diferentes terapias. Os jovens voluntários ocupam neste sistema uma grande importância, já que são eles que, sendo oriundos desses mesmos lugares, acompanham o dia-a-dia dos idosos. Acredito numa sociedade que se auto revitaliza e reinventa para se tornar mais humanizada.

Agora que as pessoas vivem mais anos – e essa é uma vitória das sociedades desenvolvidas – como podemos, então, melhorar a nossa qualidade de vida ou, de outra forma, como podemos envelhecer com qualidade? Creio que este é o grande desafio que temos pela frente.